

- Quando te aposentas?

Displicente, falando de lado enquanto sacode a cinza do cigarro. Mas não tinha sobranceria na cara, tinha sempre só um sorriso. Era alta, minha filha.

- Bem sabes que não posso aposentar-me já. Faltam-me ainda alguns anos para uma reforma completa.

- Às vezes calha falar de ti, digo que és “bibliotecário geral”. As pessoas riem, acham piada, levares assim a vida, para aqui enterrado em livros velhos. É cómico pensar que uma pessoa levou a vida toda assim, trabalhada a bafio. Dá vontade de rir, a gente pensa que lá fora há coisas, acontecem coisas, revoluções, e alegria, e ar livre, e convívio, e o prazer enorme de esquecer, de não ligar, de espremer cada instante até deitar sangue, e de não ter ligação com nada, tecer a teia das relações mas com os fios todos partidos. E de repente pensar que há um tipo, que és tu, que levou a vida a cheiriscar os palimpsestos. É de rebentar a rir, hás-de concordar.

Não a ouço. Olho a tarde para lá da varanda, a montanha escura no horizonte.

- Como é que te não chegou ainda a notícia de que um livro é de um tempo que já morreu? De que é do tempo da memória e que a memória findou? Escrever um livro imagina o tempo de vida que se perdeu. E lê-lo devagar, com notas à margem. E guardá-lo em estantes como um cadáver num jazigo.

O tempo do livro é o tempo do artesanato. Coisa destinada a um indivíduo, fabricada com vagares, consumida com vagares. Não temos vagar, estamos cheios de pressa. O tempo do livro – o das saias compridas e da bengala, dos espartilhos com varas de baleia, dos colarinhos engomados até ao queixo. Tu ainda usas bengala?

O tempo do livro é o do candeeiro de petróleo, o das meias de algodão feitas em casa à agulha, o das papas de linhaça e do óleo de fígado de bacalhau. O das ceroulas compridas com atilhos. É o tempo dos botins e das cuias, dos palitos para palitar os dentes depois da sobremesa. O tempo das perucas, das lamparinas e dos penicos.

O tempo do livro é o da imaginação trabalhosa e nós estamos cheios de realidade. Descreve esta sala e vê o tempo que se leva, tu a escreveres e eu a ler. Mas eu olho a sala e sei logo tudo. O tempo do livro é o do carro de bois. Tenho mais que fazer.

A minha filha ergueu-se, tem um gesto de ajeitar o gravador no ombro. Sorri sempre. É alta, está ao alto, donde tudo é em baixo e para rir.

Vergílio Ferreira